

RESENHA DE “DICIONÁRIOS ESCOLARES: POLÍTICAS, FORMAS E USOS”

Márcio Sales Santiago¹

mssantiago12@gmail.com

O dicionário é um lugar privilegiado de lições sobre a língua (Krieger, 2003, p.71).

Na tradição escolar, o dicionário nunca foi um instrumento abordado de maneira adequada e/ou produtiva por professores e alunos, o que de certa forma explica a falta de interesse deles por essa obra. As razões para tal desinteresse podem ser resumidas em crenças criadas pela sociedade, entre as quais destacamos: “o dicionário é o ‘pai dos burros’”, “um dicionário é para toda a vida, por isso não é preciso adquirir outro”, “o dicionário é neutro”, “todos os dicionários são iguais”, “o dicionário melhor é o mais conhecido”. Constata-se, também, que estas crenças estão inter-relacionadas, pois as características de uma, geralmente, encontram-se entrelaçadas em outras, constituindo um pesado sistema de crenças sobre o dicionário (Pontes; Santiago, 2009).

Outro aspecto que fortalece a difusão e permanência destas e de outras crenças é a falta de preparo dos professores de língua em relação às questões que envolvem o dicionário como obra didática. O fato de quase não haver disciplinas que ofereçam base teórica e metodológica sobre Lexicografia nos cursos de graduação em Letras e em Pedagogia, que, a rigor, são os responsáveis por formar docentes no Brasil, contribui em muito para a conservação das crenças, sobretudo em sala de aula. Aliado a isso, tem-se ainda um reduzido número de títulos dedicados a este assunto, se comparado, por exemplo, a outros países, como Espanha e Inglaterra.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos da Linguagem) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Bolsista do CNPq.

Deste modo, a coletânea “Dicionários escolares: políticas, formas e usos”, organizada por Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho e Marcos Bagno, ambos professores da Universidade de Brasília (UnB), vem em boa hora, porquanto preenche um enorme vazio em relação à falta de livros que abordam esse tema.

Composta por nove artigos, escritos por importantes professores e pesquisadores nacionais, a obra envolve questões ligadas à Lexicografia. Os textos trazem reflexões inerentes à experiência dos autores como avaliadores no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação, na edição de 2006. Segundo os organizadores:

A diversidade das abordagens mostra a riqueza de temas que é possível explorar quando se constitui um conjunto de obras lexicográficas especialmente elaboradas para atender às necessidades dos aprendizes em fase inicial de aquisição e consolidação da leitura e da escrita (Carvalho; Bagno, 2011, p. 7).

Mesmo não estando configurado desta forma, é possível dividir o livro em dois grandes tópicos: Lexicografia e suas interfaces e Questões de prática lexicográfica e ensino. No primeiro, notam-se as conexões que a Lexicografia faz com a Lexicologia e com a Terminologia, sobretudo porque são áreas bastante afins e que juntas formam as chamadas “Ciências do Léxico”. Já em relação ao segundo tópico, repara-se que há um alargamento natural do campo, uma vez que muitos pontos que são de interesse da Lexicografia são também significativos para outras áreas.

Assim, na parte que resulta da afinidade dos estudos lexicográficos e lexicológicos, há artigos que tratam da aquisição do léxico e da competência lexical (*Algumas ideias avulsas sobre a aquisição do léxico*, de Rodolfo Ilari e Maria Luiza Cunha Lima; *Aquisição lexical e uso do dicionário escolar em sala de aula*, de Patrícia Vieira Nunes Gomes) e da formação do léxico e incorporação de neologismos em dicionários escolares (*Neologia e dicionários escolares*, de Ieda Maria Alves). Na inter-relação com a Terminologia, discute-se a dificuldade de se fazer o registro de termos em minidicionários de língua geral (*Termos técnico-científicos em minidicionários: problemas de inclusão e de definição*, de Maria da Graça Krieger).

Além dessa interface maior, a Lexicografia, conforme já se referiu, amplia-se ao estabelecer associações produtivas com disciplinas do calibre da Sociolinguística e da Pedagogia, quando volta seu olhar para temas como a variação linguística e o ensino de língua (*Dicionários, variação linguística e ensino*, de Marcos Bagno; *Uso de dicionário e ensino de nomenclatura*, de Vilma Reche Corrêa). No que tange às questões de prática lexicográfica

propriamente dita, os assuntos abordados no compêndio levam em conta a utilidade do dicionário em âmbito escolar (*Para que serve um dicionário?*, de Maria Luiza Coroa) e reflexões sobre a definição, que é, sem dúvida, uma das mais complexas atividades que o ser humano se propõe a realizar (*Dicionários escolares: definição oracional e texto lexicográfico*, de Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho). É importante mencionar que, dada a experiência anteriormente referida, existe também um capítulo que trata de processos de avaliação do dicionário e políticas públicas educacionais (*Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”*, de Egon de Oliveira Rangel).

Um ponto fundamental é mencionar que todos os artigos são escritos com uma linguagem clara, objetiva, o que deixa o livro leve, agradável e extremamente compreensível até mesmo para aqueles leitores que não possuem uma maior profundidade teórica sobre o assunto central.

Em suma, “Dicionários escolares: políticas, formas e usos” é uma leitura atual, crítica e moderna, indicada para professores de língua materna e estrangeira, alunos de graduação e de pós-graduação, que desejem conhecer melhor os dicionários escolares e saber como usá-los. Apresentar estas noções é, indubitavelmente, dar o primeiro passo em direção ao reconhecimento da verdadeira dimensão de todas as potencialidades que o dicionário pode oferecer como uma ferramenta importantíssima para o ensino de língua.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 165 p. (Série Estratégias de ensino, 22).

REFERÊNCIAS

1. KRIEGER, Maria da Graça. Dicionário de língua: um instrumento didático pouco explorado. In: TOLDO, Claudia Stumpf (Org.). *Questões de Linguística*. Passo Fundo: UPF Editora, 2003. p. 70-87.
2. PONTES, Antônio Luciano; SANTIAGO, Márcio Sales. Crenças de professores sobre o papel do dicionário no ensino de Língua Portuguesa. In: COSTA DOS SANTOS, Francisco José (Org.). *Letras plurais: crenças e metodologias do ensino de línguas*. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2009. p. 105-123.